

Sábado, 16 de Agosto de 1958

RUBEM BRAGA

ALERGIA

MUDOU o inspetor, mas a Alfândega continua. Os quadros que deviam ir para os Estados Unidos para concorrer a um grande prêmio internacional de pintura estão lá, no Cais do Pôrto, sem licença para sair.

Já apelei uma vez para um ministro da Fazenda, não vou apelar para outro. Já reparei que ministro da Fazenda manda em tudo, menos na Alfândega. A Alfândega tem alguma lei secreta, ou algum complexo contra a pintura. Um pintor brasileiro quer expor no estrangeiro, um pintor estrangeiro quer expor no Brasil — isso irrita profundamente a Alfândega. O mínimo que ela faz é deter os quadros durante um ano, e depois cobrar ao pintor uma taxa de armazenagem superior ao valor dos quadros. O pintor, se quiser, tem de pagar pelo fato de a Alfândega, contra o seu desejo, ter prendido seus quadros. Que muitas vezes se estragam naqueles armazéns quentes, atulhados e úmidos.

Mas por que essa burrice, essa perseguição, essa burocracia ignóbil? Ninguém sabe. O próprio inspetor não deve saber. A Alfândega é alérgica a toda a arte, especialmente à pintura e ao cinema. Se você consegue um pistolão do ministro da Fazenda ou do presidente da República, a Alfândega responde que sim, como não, tudo está praticamente liberado — falta apenas uma formalidade mínima. Isso leva pelo menos seis meses, naturalmente com a taxa de armazenagem.

Todos os países do mundo vão concorrer ao Prêmio Guggenheim de pintura; todos, menos o Brasil, porque daqui os quadros não saem. E se saírem não entram de volta... Lá fora vão pensar que nós não temos pintura, ou que temos Alfândega demais. E na verdade não é tanto assim. A Alfândega às vezes é bem boazinha: por exemplo, quando se trata do sr. Galdeano e do uísque a meio dólar!